OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1085

20 de Fevereiro de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Exequias oficiaes por El-Rei D. Carlos e Principe D. Luis Filipe

CHEGADA DE SUAS MAGESTADES EL-REI D. MANUEL E RAINHA D. AMELIA, AO TEMPLO DA SÉ

Chronica Occidental

E' agora moda dizer-se por tudo, e a proposito de tudo, que Portugal tem uma grande e urgente necessidade de se renovar e fortalecer, indo fecundamente beber aos centros estrangeiros a base do seu fortalecimento. Muitas vezes não tem isto razão de ser; outras vezes tem, e muita.

Vejamos um pouco, por exemplo, o que seria possivel conseguir-se de bom em proveito da nossa população infantil, se fossemos buscar e acomodassemos ás condições da vida portuguêsa um pouco do muito que se faz em paizes onde as creanças são olhadas por toda a gente com a desvelada attenção com que o jardineiro apaixonado pelo seu mester cuida e vigia os seus viveiros de plantas.

As creanças são o viveiro dos povos; jardineiros d'ellas são os paes e os mestres.

E' de sobejo sabido que a Inglaterra, a Suissa, a America do Norte são os paizes modelares nas coisas da educação infantil. O que tem novidade é conhecer-se o que já fazem dentro do mesmo ramo de actividade intelligente outros paizes de que já todos andavamos habituados a nada esperar de bom como exemplo.

Aqui temos nós a Hespanha, mesmo ao pé da porta. Veja-se o que já lá são, por exemplo, as colonias escolares de férias. Nos primeiros dias de julho de ha dois annos, diziam os jornaes madrilenos — partia de Madrid para San Vicente de la Barquera (Satander) a primeira colonia escolar mixta do Museu Pedagogico Nacional, a disfructar a casa que, construida expressamente, ali possue a corporação de antigos alumnos do Instituto Livre de Ensino. A primeira colonia que esta corporação organisava nesse anno regressava á capital no fim de julho dando logar a outra, que lá se demoraria até fins de agosto.

Um jornalista que se achava na gare do Norte á hora em que a colonia tomava o comboio que havia de transporta-la escrevia então: «Atulhada pelas creanças de ambos os sexos que vão gosar um tão grande beneficio de higiéne, e os professores, professoras e creadas que as acompanhavam, a estação do Norte offerecia naquelle momento um aspecto desusadamente animádo, sugestivo de pensamentos profundos. Quantos elementos de saude fisica e moral penetrariam nos corpinhos de tanta creança mais ou menos anemiada, durante a estada na bella praia do Cantabrico, recebendo com o ar puro, que vivifica, diversissimos germens de influencia tão complexamente educativa!»

Exemplo de mais longe, d'onde tambem, por cá, ninguem o esperava, nos veio com o do *dia da Arvore*, em Puerto Rico. Em Puerto Rico, sim!

Consistia o caso em semear ou plantar e transplantar arvores, arbustos e outras plantas ornamentaes e de fructo, nas dependencias das escolas e em outros logares publicos, em um dia do anno consagrado para tal fim. Todo esse trabalho seria executado pelas creanças, sob a immediata direcção e vigilancia dos professores, os quaes já durante o anno as teriam preparado e encaminhado para que o programma dos festejos se cumprisse fiel e integralmente, com enthusiasmo e muita alegria.

Era como se vê, pretexto escolhido com o fim, não só de prestar um serviço á higiene publica e escolas, como ainda de tornar familiares aos juvenis cultores as noções mais rudimentares e mais uteis da botanica. Os alumnos eram obrigados, tanto quanto coubesse na justa medida das suas forças, a uma singela e despretenciosa descripção, acompanhada do desenho das plantas que cultivavam. E era de ver o cuidado que certos espiritos devotados a tão commovente tarefa empregavam pelo anno adeante, fornecendo aos pequenos arboricultores instrucções pormenorisadas e claras sobre o melhor modo de cultura de certas plantas, sobre os melhores processos de reproduzir graficamente as plantas descriptas.

O exemplo das colonias escolares encontrou por cá quem o seguisse com ardor. O que já fez no anno passado o *Seculo* foi um bom inicio; e o que a Colonia da Sineta promette para muito breve é tambem muito.

Quanto á festa da arvore, têmo-la de todo adaptada aos nossos costumes. E' já rara a terra de provincia onde ella se não realise. Ha dois annos foi muito bella, este anno tem sido mais bella ainda.

Compreender a belleza das arvores — no dizer d'um pensador eminente — saber como ellas nascem e se desenvolvem e que utilidade representam na terra para o homem, será amar com mais intensidade e harmonia o mundo e a vida!

As arvores foram, certamente, as primeiras companheiras doceis do homem, quando na natureza tudo lhe era hostil. Subindo aos seus altos ramos, defendia-se elle da investida das feras; forneciam-lhe as louras e apetitosas fructas, para elle saciar as suas fomes; forneciam-lhe os utensilios de trabalho e as armas; com as arvores, os primitivos construiam as cabanas para se abrigarem. Se ellas possuissem o dom divino da consciencia e da palavra, diriam maravilhosamente os infortunios e as felicidades dos seres humanos, desde o dia immemorial em que apareceram na terra, porque de perto têm convivido com elles, através do incessante correr do tempo.

Mais tarde, quando o homem começou a pensar, deram-lhe as embarcações com que sulcou os mares desconhecidos, o forte cabo das lanças, com que se defenderam imperios. A sua lenha alimentou, nas negras noites da Asia, as fogueiras que ardiam á entrada das choupanas. Começaram por consumir-se nesse lume sagrado que foi o primeiro deus dos lares, e nunca negaram ás creaturas um bemfasejo auxilio numa luta fulgurante que vem desde as primeiras manhãs da creação! Por isso mesmo os povos lhe dedicaram sempre uma veneração constante, adorando-as, prosternados, nas eras remotas das ingenuas e commoventes crenças, ministrando á sua sombra a justiça e escolhendo-as para confidentes e para educadoras!

Ainda ha pouco, um dos nossos mais valiosos homens publicos, o Sr. D. Luiz de Castro, hoje ministro da pasta por onde correm os interesses da agricultura, dizia que quem não tenha lido Virgilio e os capitulos, as paginas, os periodos que Michelet no seu livro *A Montanha* consagra ás arvores, os versos surpreendentes dedicados ás plantas, ás florestas, aos jardins, aos pomares pela Condessa Mathieu de Noailles, a prosa divina que em seu louvôr tece o nosso Castilho; quem não tenha admirado os arvoredos de Corot, as paisagens de Millet e de Ronseau, ignora o poder moral do mundo dos vegetaes.

Espiritos dos mais delicados, almas das mais afinadas, de que a humanidade se póde vangloriar ahi estão em livros e em quadros, subjugados pela arvore, extasiados perante ella, desfiando o rosario de seus encantos, de seus beneficios, de sua maravilhosa obra, de sua poderosa influencia sobre o homem e sobre a região.

Nas cidades e nas escolas, o espirito subtil e vão póde rir da «alma da arvore». Mas não rirá certamente no deserto, nos climas crueis do norte ou do meio-dia, onde a arvore é um salvaterio. Ahi é que se sente devéras como ella é bem a irmã do homem.

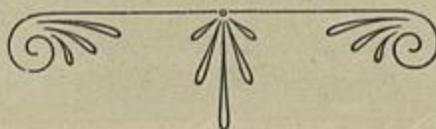
Esta tocante ideia da fraternidade da arvore infinitamente fecunda — no dizer de Michelet — creou, enriqueceu, dotou o mundo antigo. Só por si lhe deu o extraordinario poder agricola, que o fez e refez, e que, através de guerras e desgraças de toda a especie, foi constantemente o seu renascimento.

Nas sociedades modernas renasce o culto da arvore baseado na sciencia, porque sabemos dever-lhe a regularisação dos climas e dos cursos d'agua, o saneamento de certos meios, a fixação das areias invasoras do litoral maritimo, a prosperidade agricola de muitas zonas, a higienica alimentação das populações e a riqueza economica dos paizes.

Os artistas idealisam esta moderna adoração da arvore, erguendo-a em concepções de requintadas formulas litterarias ou pictoraes.

O campo destinado aos agronomos e aos economistas na liturgia da arvore, engrandeceu de modo tal, que nelle cabem todos quantos teem não só uma intelligencia para pensar, mas tambem uma alma para sentir.

A festa da arvore, implantada no uso das nossas escolas infantis, é uma tocante e proveitosa lição. Iniciar a creança na afeição pela arvore é, indubitavelmente, inspirar-lhe um muito delicado sentimento de bondade e de amôr.

João Prudencio.

Exequias officiaes por El-Rei D. Carlos e Principe D. Luis Filipe

Poucas vezes o vasto templo da Sé de Lisboa terá visto suas naves tão literalmente cheias de fieis, para assistirem aos oficios divinos, como no dia das exequias por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luis Filipe.

Poucas vezes se terá ali encontrado tão largamente representada a côrte, o corpo diplomatico, o alto funcionalismo civil e miliiar, emfim todos os poderes do Estado representando-se na tocante ceremonia religiosa, que cobriu de negras armações de veludo e de damasco preto os altares, num luto que se estendia a toda a assistencia e velava de crepes a corôa e o sceptro colocados no cimo do catafalco erguido á grande altura do cruzeiro, cercado de inumeros brandões acêsos, refletindo suas luzes, infinitamente multiplicadas nos galões e lhamas de ouro que o recamavam.

Mas um luto muito maior se encontrava a dentro daquellas abobadas, um luto bem dorido, que tanto se manifestava no exterior como o sentia o coração mal cicatrisado da immensa dôr que o feriu, o luto de uma excelsa princesa, orvalhado pelas mal contidas lagrimas que do coração subiam aos olhos, como o unico alivio da dôr que lá morava. Partilhando da mesma dôr acompanhava sua augusta mãe um rei, opresso, retratando no rosto a magua que no intimo sentia e que toda a mocidade de seus annos não podia ocultar.

Não era só a saudade de entes queridos que anoitava o espirito de uma rainha viuva e mãe chorando a morte do esposo e do filho queridos, como a de um rei que vira desaparecer-lhes seus augustos pae e irmão; mas ainda a recordação avivada da abrupta sangrenta tragedia em que os haviam perdido para sempre e de que foram testemunhas.

Compreende-se que esta seria a maior dôr que afligia a Rainha Senhora D. Amelia e o Rei Senhor D. Manuel, dôr que as consolações da religião dirigindo ao ceu seus canticos divinos, de preces envolvidas em nuvens de incenso evolando-se até ao trono de Deus, mal pódem atenuar, e ainda menos o fausto e grandesa dos poderes de Estado e da côrte que oficialmente os rodeava, triste e compungida entre as hissopadas absolutorias do *Libera-mé*..

Assim se comemorou, conforme as praxes, o primeiro anniversario da morte de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luis Filipe, antes, porém, desta ceremonia oficial, El-Rei Senhor D. Manuel e sua augusta mãe, assistiram, no Panteon Real de S. Vicente, a uma missa resada por Sua Eminencia o Patriarca D. Antonio, que foi, tambem, um acto tocante.

El-Rei e a Rainha dirigiram-se depois para junto das urnas que encerram os corpos de D. Carlos e D. Luis Filipe, e ali oraram demorado tempo.

Por fim retiraram-se para o paço das Necessidades, onde inumeras pessoas de todas as classes foram inscrever seus nomes nos livros de registo que estavam na sala dos archeiros. Sobre as bandejas de prata acumularam-se telegramas que de todas as terras do reino e do estrangeiro eram enviados a Suas Magestades reiterando condolencias.

Por todo o país foram celebradas missas e exequias comemorando o anniversario lutuoso, e no Porto essas ceremonias revestiram maior solemnidade.

A's exequias celebradas na Sé da capital do norte assistiu Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso, que ali foi expressamente para esse fim.

Enchia o magestoso templo, ricamente ornamentado de pompas funebres, todo o elemento oficial largamente representado por todo o alto funcionalismo da cidade, a comissão monarquica e todas as mais classes sociaes, em que se contavam artistas, industriaes, comerciantes e grande numero de senhoras da primeira sociedade, não faltando o elemento popular, que ali acudiu em massa.

Sua Eminencia o Bispo D. Antonio Barroso celebrou a missa e depois o *Libera-mé* completando as exequias, findas as quaes, uma força de infantaria 18 deu as descargas da ordenança e salvaram as fortalezas da Torre da Marca e de S. João da Foz.

Os sinos debravam plangentes, dando a nota triste de um dia de luto, na heroica cidade da Virgem.

C. A.

Centenario de Abraham Lincoln

A grande nação norte americana celebrou em 12 do corrente, com enorme enthusiasmo, o centenario do nascimento de Abraham Lincoln, 16.º presidente d'aquella grande republica, que elle unificou e engrandeceu, graças ao seu incomparavel tacto politico e inabalavel energia.

ABRAHAM LINCOLN

Lincoln nasceu em 12 de fevereiro de 1809, em Hardin, Kentucky, tendo vivido até aos 18 annos em companhia de seu pae, lavrador no Ohio. Em 1828 emprehendeu uma viagem a Nova Orleans, onde teve occasião de presencear os horrores da escravatura, exercida em toda a plenitude. Aquelle espectaculo impressionou profundamente o humanitario cidadão, que jurou a si mesmo combater encarniçadamente tão degradante estado social.

Abraham Lincoln exerceu varios cargos, taes como capitão de milicias, chefe d'armazens, administrador de correio, entrando pouco depois na politica e dedicando-se ao estudo de direito. Em 1834 é eleito deputado, conquistando no partido dos *Whigs* o logar de *leader*. Em 1842 abandona a politica para se dedicar ao fôro; mas a famosa questão da escravatura attrahia-o e a ella dedica todo o seu grande talento e toda a sua fé na redempção da humanidade. A sua reputação politica acha-se firmada em todos os estados da união, que elegeram Abraham Lincoln á suprema magistratura em 1860, apoz o famoso discurso contra a escravatura, pronunciado por Lincoln na *Cooper Union* de Nova-York. Dá-se, entretanto, a scisão da Carolina do Sul e de outros estados do golfo, taes como Georgia, Alabama, Florida, Mississipi e Luisiana, que formam os estados confederados (1861) sob a presidencia de Jeffesson Davis.

Lincoln faz um appello a todos os estados, negando o direito de sucessão. Rebenta a guerra, que elle consegue suffocar á custa da sua extraordinaria sagacidade politica e arrebatado amor patriotico. Em 1 de janeiro de 1863 publica um decreto libertando os escravos dos estados revoltados; no anno seguinte outro decreto liberta todos os escravos da União.

Graças á habilidade politica de Lincoln nunca, durante o grande periodo de luctas, se deu qualquer conflicto internacional, evitando-se o reconhecimento dos Estados Confederados.

Em 1864 é novamente eleito para a presidencia dos Estados Unidos. O seu discurso de abertura do parlamento é considerado uma das mais notaveis orações politicas do mundo e que constitue por assim dizer a ultima obra do prestante cidadão, que em Washington encontrou a morte (15 de abril de 1865) ás mãos d'um dementado adversario, Wilkes Booth, actor do theatro de Ford.

A NACIONAL

A propaganda do seguro de vida é hoje desnecessaria sob o ponto de vista da sua utilidade. Longe vão os tempos em que os moralistas se insurgiam contra a natureza mesma d'este contracto.

Ninguem hoje desconhece os serviços prestados por esta instituição quer sob o ponto de vista economico, quer mesmo sob o ponto de vista moral.

E' devido ao seguro de vida como formula para a resolução de importantes problemas até então insoluveis que a previdencia poude alcançar a enorme expansão que hoje tem e que de dia para dia tende a augmentar.

E' devido ao seguro de vida que teem encontrado resolução as mais justas reinvindicações das classes operarias.

E' ainda devido ao seguro de vida que a iniciativa particular se pode exercer por uma forma mais ampla e sobretudo mais estavel.

O seguro de vida é pois uma instituição absolutamente firmada; tão radicado está já nos usos das sociedades mais cultas e adaptado nas suas diversas modelações á resolução dos mais importantes problemas sociaes; de tal forma se integrou no moderno systema economico, auxiliando o exercicio livre de todas as actividades que seria já impossivel prescindir d'elle.

A expansão e desenvolvimento que nos ultimos tempos tem tomado é enorme.

Para se fazer idéa da actividade empregada ao serviço da industria dos seguros de vida, basta percorrer a lista dos socios adherentes aos congressos internacionaes de actuarios e dos medicos das companhias de seguros e aos congressos sociaes de applicação da sciencia dos seguros á reparação dos desastres no trabalho, reforma de operarios, etc.

Essa actividade é necessaria e essa collaboração constitue um dos mais bellos exemplos de solidariedade a favor de uma causa tão sympathica como é a previdencia.

Não cabe nas poucas linhas de um artigo nem seria da competencia d'esta revista uma exposição, embora succinta, das bases em que se firma a moderna sciencia dos seguros, dos seus processos estatisticos para a elaboração das taboas de mortalidade, da applicação do calculo de probabilidades á elaboração das tarifas de premios para as diversas categorias de contractos, e á constituição das reservas mathematicas.

Basta porem considerar que se a sciencia dos seguros na parte que se refere ao calculo constitue hoje uma especialidade mathematica denominada a sciencia actuarial, no seu conjuncto preenche o extenso programma de um curso superior n'alguns estabelecimentos de ensino, no estrangeiro.

Para a sua applicação é ainda necessaria a collaboração de medicos, jurisconsultos, contabilistas, etc.

GENIO DA INDEPENDENCIA
EMBLEMA DE «A NACIONAL»

N'este ponto, infelizmente, está Portugal em relativo atrazo em parallelo com paizes de menos população.

Ainda ha poucos annos o seguro de vida era quasi desconhecido no nosso paiz. Existiam, é certo, representações de algumas Companhias estrangeiras mas era limitadissimo o numero dos segurados.

Este atrazo devemos attribuil-o não só á falta de previdencia do nosso povo mas tambem ao desconhecimento da forma como a previdencia é sabiamente exercida e regulamentada n'outros paizes.

A propaganda intensamente exercida por alguns agentes de Companhias estrangeiras veiu sacudir a indifferença de muitos em materia de previdencia e abrir caminho a uma propaganda mais methodica, fundada no convencimento das vantagens do seguro por forma que a producção de contractos, a principio mais lenta, vae creando em cada adepto um novo propagandista e assim se vae generalisando a idéa.

Foi esta forma que adoptou para sua propaganda a primeira Companhia Portugueza de Seguros de Vida «A Nacional» a que hoje nos queremos referir.

A fundação d'esta Companhia foi precedida da publicação da revista *Seguros e Finanças*, com larga publicidade e destinada a instruir o publico em tudo o que diz respeito aos Seguros de Vida.

Entenderam e muito bem os seus fundadores que constituia um prejuizo enorme para o nosso paiz entregar em mãos de extrangeiros as economias do nosso povo, não só pelo exodo enorme de capitaes proveniente da contribuição dos segurados com manifesto prejuizo da nossa industria e commercio, mas tambem pela falta absoluta de fiscalisação por parte do governo que offerecesse aos segurados a garantia dos compromissos tomados pelas Companhias.

Nacionalisar o seguro de vida foi pois a devisa d'essa revista e nacionalisal-a em termos de competir com o extrangeiro, pugnando para que o paiz fosse dotado de uma lei de fiscalisação que puzesse a coberto o publico de qualquer tentativa de logro exercida quer por nacionaes quer por extranhos sob a falsa capa de previdencia.

Pode-se pois dizer que o fim principal da revista foi já attingido pela publicação do decreto de 21 de outubro de 1907 e pela determinação das Camaras Legislativas de 9 de setembro de 1908.

Resta-lhe comtudo muito a fazer no que diz respeito á propaganda do seguro de vida e á instrucção em materia de previdencia individual e social.

Nacionalisar o seguro de Vida foi tambem a divisa da Companhia fundada em 17 de abril de 1906 que tomou o nome de *A Nacional* e por emblema o Genio da Independencia que adorna o pedestal do monumento aos restauradores, em Lisboa.

Ao persistente trabalho dos seus fundadores, director e actuario sr. Fernando Brederode e sub-director sr. José A. Quintella deve essa Companhia o estabelecimento das bases technicas em que assentam os seus calculos, a elaboração das suas tarifas e toda a organisação commercial da Companhia.

O arrojo de uma iniciativa d'esta ordem sem uma lei que a protegesse, antes em condições de desfavor do Estado com relação ás Companhias extrangeiras, não temendo defrontar-se com ellas, contando apenas com o patriotismo dos seus concidadãos e com o credito que saberia conquistar pela honestidade da sua propaganda e da ua a dministração, inspirou no publico uma confiança que os relatorios dos dois primeiros exercicios sobejamente justificaram.

Para a administração da Companhia procurou o seu fundador a collaboração de individuos animados do mesmo desejo de levar por deante um emprehendimento sympathico a todos, colloboração que podemos dizer gratuita, visto que é remunerada apenas por uma pequena percentagem nos lucros da Companhia, insignificante portanto nos primeiros annos.

Foi o 1.º Conselho d'Administração da Companhia formado pelos senhores:

Antonio Fernandes David Andrade.
Carlos A. Silva.
Carlos Victor Ferreira Alves.
Conde de Mangualde, (Fernando).
Fernando Brederode.
José A. Quintella.
Manoel de Mascarenhas Gaivão.

A NACIONAL

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

1. *Secretario* José A. Quintella — 2. Fernando Brederode — 3. Manuel Maria Oliveira Bello — 4. *Presidente* Conselheiro José Fernando de Sousa
5. *Administrador delegado* Conde de Mangualde, (Fernando) — 6. Antonio Fernandes David d'Andrade — 7. Carlos Victor Ferreira Alves — 8. Carlos A. da Silva

A 1.ª Assembléa Geral dos accionistas elegeu para o Conselho Fiscal os senhores:
Antonio Santos Mendonça.
Bernardo Maria de Sousa Horta e Costa.
Casimiro José Sabido.
João José Sinel Cordes.
Manoel Caroça (Dr.)
e para a meza da Assembléa Geral:
Presidente: A. Braamcamp Freire.
Vice-Presidente: Pedro Lopes da Cunha Pessoa.
Secretarios: Dr. Agostinho Gualberto Godinho Tavares.
João de Barros.
Vice-Secretarios: João Antonio Lopes Pires Monteiro.
Manoel Teixeira de Sampayo.

A absorção da Companhia de seguros contra desastres pessoaes *A Equitativa* do Porto determinou algumas alterações nos estatutos da Companhia entre ellas a ampliação do mesmo Conselho actualmente constituido pelos senhores:
Presidente: Conselheiro José Fernando de Sousa.
Vice-Presidente: Joaquim Pinto da Fonseca.
Administrador-delegado: Conde de Mangualde, (Fernando).
Vogaes em Lisboa: Antonio Fernandes David Andrade.
Carlos A. Silva.
Carlos Victor Ferreira Alves.
Fernando Brederode.
João de Mascarenhas Gaivão.
Manoel Maria d'Oliveira Bello.
Vogaes no Porto: Dr. Antonio José d'Oliveira Mourão.
Jacintho A. Ferreira Furtado.

Na 1.ª reunião do Conselho d'Administração foi nomeado director o sr. Fernando Brederode e sub-director o sr. José A. Quintella accumulando o director as funcções de actuario e o sub-director as de secretario geral. Para assumir a direcção dos serviços medicos foi nomeado o sr. Dr. Egas Moniz distincto lente da Universidade de Coimbra ficando assim completada a Direcção Technica que na mesma uniformidade de vistas poude levar a cabo a organisação difficil de uma empreza tão importante e até então sem similar no nosso paiz.

O serviço medico das Companhias de Seguros constitue hoje em dia uma especialidade que demanda conhecimentos adequados e o papel que

GABINETE DA DIRECÇÃO — DIRECTOR E SUB-DIRECTOR

A NACIONAL

Dr. Godinho Tavares — medico examinador em Lisboa

Dr. Egas Moniz — medico chefe da companhia

desempenha o medico chefe é da maior responsabilidade, por isso que do seu parecer depende a admissão ou recusa dos Segurados nos contractos em caso de morte.

A elle incumbe organísar a estatistica medica e formular os questionarios para exame dos segurados, compete-lhe a nomeação dos medicos examinadores e é de sua responsabilidade o estudo das bases para calculo da tarifa de sobrepremios de extra-risco por permanencia ou viagem em climas insalubres.

A forma como o sr. dr. Egas Moniz sabe desempenhar-se do seu alto cargo não só é devidamente apreciada entre nós pelos que teem lido os seus relatorios annuaes, mas ainda ha pouco um revista estrangeira transcrevia parte do seu relatorio de 1907, e juntamente parte do relatorio do director tendo palavras do maior apreço para ambos.

O sr. Dr. Egas Moniz tem sido nos seus trabalhos coadjuvado pelo distincto clinico sr. Dr. Godinho Tavares, medico examinador em Lisboa, que diariamente na séde da Companhia procede aos exames dos pretensos segurados.

Para inspector da Companhia foi nomeado o sr. Manuel Teixeira de Sampayo que tomou a seu cargo a primeira organisação das agencias e instrucção de agentes, do que admiravelmente se desempenhou, tendo hoje a Companhia representantes locaes em quasi todos os concelhos do paiz e sub-inspectores em zonas determinadas por grupos de agencias, entre os quaes citaremos os srs. Manuel da Cruz Bella e Luiz Doria.

A gerencia da Filial do Porto ficou a cargo do sr. José Zagallo Ilharco ex-gerente da companhia de seguros contra desastres pessoaes *A Equitativa* do Porto cargo que, com a maior distincção, tem desempenhado.

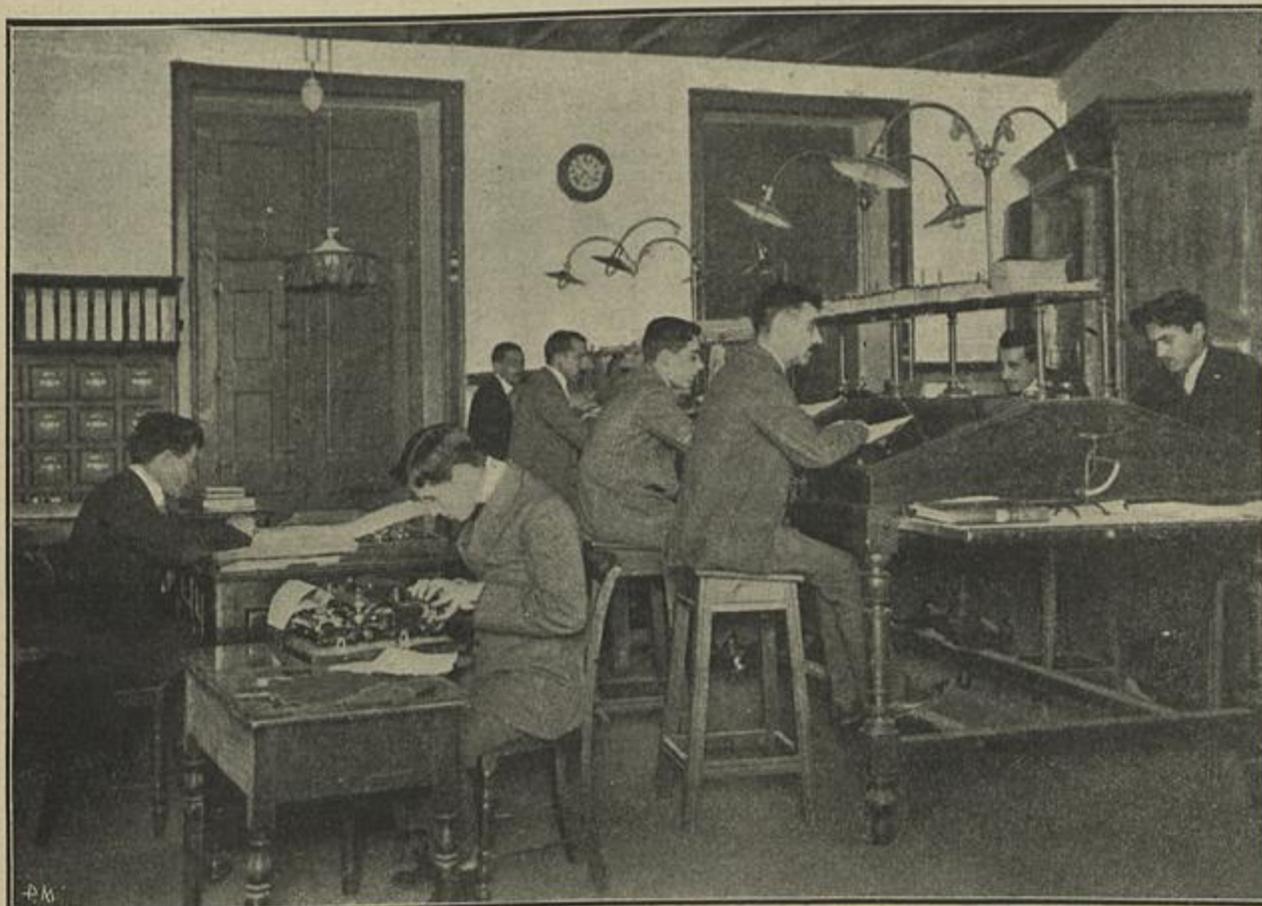
O pessoal do escriptorio compõe-se dos srs:
José Francisco Parreira de Vilhena.
Martim Castello Branco.
Armando Mendes Arnaud.
Salvador Julio Guerreiro.
Gil Bella.
José Gonçalves Carneiro.
Julio Bella.
Fernando Barros Lima.
que formam juntamente com a direcção technica a primeira *equipe* da Companhia, alguns dos quaes a acompanham desde os primeiros passos, assistindo e collaborando para o desenvolvimento das suas transações, para a differente organisação dos serviços e que consequentemente lhe dedicam o maior interesse.

O desenvolvimento que em breve tomaram as operações d'esta Companhia e a confiança que foi conquistando, accentuaram a necessidade de procurar entre as Companhias congenéres allianças para o reseguro dos seus contractos permittindo-lhe assumir um risco individual superior ao que a principio tinha fixado, e a prudencia aconselhava a manter nos primeiros annos.

Foi no exercicio findo que esta companhia teve a satisfação de receber a proposta de uma importante Companhia estrangeira offerecendo-se para resegurar os excedentes do pleno de seus contractos e obrigando-se a aceitar incondicionalmente até ao triplo do risco assumido pela Nacional.

Esta proposta convertida depois em tratado entre as duas Companhias representa um enorme passo no caminho das prosperidades da Nacional e uma justa consagração dada por profissionaes á intelligente direcção e processos de trabalho do director d'esta Companhia.

Pouco tempo, porém, depois de assignado este primeiro tratado, ainda por proposta da mesma Companhia firmou a Nacional um novo tratado aceitando a obrigação do reseguro de contractos provenientes de um nucleo de Companhias francezas dentro do limite de um pleno fixado, tornando-se portanto solidaria nos riscos por ellas assumidos.

E assim é que com 3 annos de existencia conseguiu a Nacional só pela força do seu tra-

Secretaria e contabilidade

balho esta consagração que lhe vem das suas congenéres tanto mais apreciavel por se tratar de Companhias poderosissimas e de creditos absolutamente incontestaveis.

O exemplo dado pela Nacional fructificou e mais duas Companhias Portuguezas de seguros de Vida posteriormente se formaram.

E' esta, porém, uma industria em que a concorrencia deve ser exercida dentro de determinados limites que a prudencia aconselha; por isso procurou tambem A Nacional e obteve o accordo entre as companhias portuguezas para a unificação das suas tarifas de premios.

Este accordo hoje firmado, é um penhor de que essas Companhias portuguezas estão dispostas a seguir na esteira da primeira, emprehendendo um trabalho honesto, digno em tudo da confiança do publico e é seguro prognostico de que a industria dos seguros de vida em Portugal, guiada nos seus primeiros passos pelo genio organisador do fundador de A Nacional, será dentro de poucos annos uma das nossas industrias verdadeiramente prosperas e de que o paiz ha de auferir os maiores beneficios.

Para terminar este artigo, simples noticia que ao publico deve interessar, transcrevemos do relatorio do exercicio findo, o seguinte periodo:

«Os progressos realisados evidenceia-os o exame dos mappas apensos que abrangem o triennio. Assim os capitaes e rendas seguras subiram de 286:938$150 réis em 1906, a 571:992$096 réis em 1908 com as respectivas médias mensaes de 35:867$269 réis e 47:666$008 réis; as reservas elevaram se no mesmo periodo de 4:663$305 réis a 40:600$880 réis; os premios de 11:492$223 réis a 43:494$886 réis; os rendimentos de 223$770 a 2:180$698 réis. As indemnisações e rendas pagas durante o triennio attingiram 8:921$465 réis».

N'estes numeros se condensa o caminho andado no curto periodo de 3 annos. Dentre elles salientamos a importancia das reservas que depois de approvadas as contas de 1908 ficarão excedendo 42 contos de réis.

E' o melhor comentario que podemos fazer á Administração cujo mandato terminou em 31 de dezembro de 1908.

Eterna Dôr

A tua Dôr, irmão, nunca verá o fim.
Se te uma ilusão morre sem trazer-te a Paz,
Não busques, após essa, outra ilusão falaz.

Até o proprio Christo, em quem debalde esp'raste,
Tanto sofreu tambem que simbolisa a Dôr!
'Speras ainda a Paz de outro redemptor?

Porque te iludes tanto, porque anceias mais?
Não vês como se finam ilusões, esp'ranças,
Que são o grande mal que dá logo ás creanças?

Ah! sim; já sei. Crês, sonhas, buscas esquecer.
Pois sonha, crê, esquece, se isso te consola.
— Bemdito Esquecimento, que és uma esmola! —

Quem déra que eu tambem pudesse ilusionar-me!
'Squecer o mal passado e não ver o presente,
Sonhar um bem futuro e crer eternamente!..

Quem déra que eu tambem pudesse ilusionar-me!

(Do livro inedito *Auroras*.
II Parte: *Maguas intimas*.)

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

A «LINDA IGNEZ»

«O nome que no peito escripto tinhas.
CXXI
«Do teu principe..........................

CAMÕES — *Os Lusiadas*, canto 3.º

O que havia de ser herdeiro e successor de D. Affonso IV, o *Bravo*, foi casado em primeiras nupcias com D. Constança, de procedencia hespanhola.

Esta nora do feliz vencedor de Tarifa, nas margens do Salado, «Viera acompanhada de brilhante sequito de damas, *(As Donatarias de Alemquer* por J. P. Franco Monteiro) resplandecendo entre todas a peregrina Ignez de Castro, a quem D. Pedro immolou o coração».

Com effeito, «Formosa a mais não poder ser, seductora pelas suas maneiras, *(Historia de Portugal* por Francisco Duarte Almeida e Araujo) subjugou com estes raros dotes o coração de D. Pedro, que não teve artes de encobrir este amor, de sorte que D. Constança por fim o não suspeitasse».

Talvez este quadro, não esteja longe da verdade:

«D. Pedro voltou-se e deu com uma donzella, authentica promessa d'uma fecundidade peninsular, os seios arquejantes, como azas inquietas de voar, estalando um corpête escarlate, estrigas d'oiro ennastrando a cabeça, um colo de garça para fazer o desespero de trovadores, e nas orbitas duas esmeraldas fluidando: dois olhos verdes, d'esse verde acinzentado e impreciso que, ora desbota, ora se recolorisa e dilata como as aguas de um veio, segundo o vento as descobre ou as faz reflectir os ramalhaes de um choupo marginal; olhos que parecem cegos e tudo vêem, — mesmo a ausencia! — olhos cançados de falar, olhos que choram enxutos e já nascem enredados na amorosidade das caricias e na frieza do seu desprendimento immovel de tristeza. Era Ignez de Castro».

(Os Filhos de Ignez de Castro, romance historico por Faustino da Fonseca e Joaquim Leitão).

E seria susceptivel de se deixar encandear pelo idyllio verdadeiro, aquelle Pedro de quem Alph. Rabbe *(Résumé de l'Histoire d'Espagne)*, asseverou: «son âpreté sauvage enfaisait un tyran insupportable» ou, a respeito do qual o Conde de Sabugosa *(O Paço de Cintra)* com propriedade traçou estas linhas:

«D. Pedro I, distrahido pelos seus amores nas margens do Mondego, absorvido pelos pezares que lhe trouxe o seu romance tão cedo cortado, preoccupado com a guerra que fez a seu pae, e, depois de Rei, allucinado ou com a sua loucura de justiça, que o levava a percorrer o reino de latego na cinta, para mesmo em viagem ir elle proprio flagellando os criminosos, organisando os supplicios e levantando as forcas para os condemnados; ou cedendo á sua mania de folganças rusticas, desembarcando dos bateis que o traziam de Almada, entre a sua plebe de Lisboa e com danças e trebelhos em que se encorporava, bailando pelas ruas ao som das *longas* em caminho do Paço; esse rude e louco medieval, justiceiro até á execução dos condemnados, folgazão até á truanice, desadorou Cintra que só attrae reis caçadores ou poetas, artistas ou sybaritas?» seria susceptivel de se deixar encandear pelo idyllio verdadeiro, um homem de similhante caracter e natureza?

Oh! o amor! onde existe recondito maravilhoso que lhe seja completa e absolutamente extranho?!

O que é authentico, historicamente falando, é que D. Pedro foi prêso em corpo e alma dos encantos da gentillissima Ignez e que as auras do Mondego, na feiticeira Coimbra, presencearam o arroubo d'esta união sem nota de esterilidade.

De que estirpe provinha a mulher

«... com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha?»

«Castros — Dom Ruy Fernandez de Castro, Ricohome del Rey Dom Affonso Setimo, chamado Emperador, foi o primeiro, que usou do appellido de Castro, que tomou da Villa de Castro Xeres, de que foi senhor, e tinha por ascendentes os celebrados Juizes de Castella Lain Calvo e Nuno Rasura. Dõ Pedro Fernandez de Castro, chamado o da Guerra, foi o primeiro, que veyo a este Revno em tempo del Rey Dom Affonso Quarto. Seus descendentes usam das armas cõ differença; porque os que procedem de Dom Alvaro Pirez de Castro seu neto, trazem em campo de ouro treze arruelas de azul em tres pallas: tymbre hum meyo Leão de ouro, cõ sete arruelas de azul no peito. Os que descendem de D. Alvaro Pirez de Castro, seu filho, irmão da Rainha Dona Ines de Castro, e primeiró Condestable deste Reyno, traze em campo vermelho seis arruelas brancas em duas pallas: tymbre hum cangrejo de prata realçado, e azulejado de azul cõ os dentes grandes pegados em hua truta. Os descendentes de D. Alvaro de Castro, filho do grande D. João de Castro Visorey da India, trazem por tymbre nas seis arruelas a roda de navalhas de Santa Catherina, em memoria de que, na jornada, que fez ao mar roxo, com D. Estevão da Gama, este o armou cavalleiro á vista do monte Synay, onde por obra dos Anjos forão colocadas as reliquias de Santa Catherina Martyr. Tem em este Reyno os Castros a Casa do Marquez de Cascaes, dos Condes de Monsanto, Unhão e Mesquitela, e dos senhores de Peneda e de Penedono». *(Nobiliarchia Portugueza*. — Tratado da Nobreza hereditaria e politica por Antonio de Villasboas e Sampayo).

O traductor hespanhol de Moreri, D. José de Miravel e Casadevante *(El Gran Diccionario Historico, o Miscellanea Curiosa de la Historia Sagrada e Profana)* no artigo subordinado á palavra Castro, appellido de familia, escreveu:

«Viene esta Casa de Nuño Belchides, gentilhombre Aleman de Colonia, que vinó à España el año de 884, donde casó com Doña Julia hija del Conde D. Diego Porcelos, el Poblador de la ciudad de Burgos, del qual nació Nuño Razura, uno de los Juezes de Castilla, e padre de Doña *Theresa* Nuñez, esposa de *Lain* Calvo, tambien Juez de Castilla. Tuvo este quatro higos. De *Fernando* Lainez el primogenito descendió el *Cid* Ruy Diaz de Bivar; *Bermudo* el segundo higo, e *Lain* el tercero. *Diego* Lainer que era el quarto pobló e se estableció en Peñafiel, e es tronco de la Casa de Castro.»

Logo na pagina immediata, encontra-se na mencionada versão de Casadevante:

«*Pedro* Fernandez de Castro, llamado *De lá Guerra*, à causa de sus expediciónes, Ricohombre, Señor de Lemos; Mayordomo Mayor de la Casa de Alfonse XI, es muy celebre en la Historia de España, e murió el año de 1343. Casó con D. *Isabel* Ponce de Leon, hija de D. *Pedro* Ponce, Señor de Cangas, e de Tineo, da la qual tuvo à D. *Fernando* que sigue; à D. *Juana* muger de D. Diego de Alfaro ó de Haro Señor de Orduña, sin dexar posteridad. *Tuvo por bastardos de* D. Aldonza *de Valladares* a D. Alvar *Pires de Castro, que formó la rama de Monsanto en Portugal, á la bella Ignez de Castro*, segunda muger de D. Pedro I. Rey de Portugal.»

Com os textos precedentes harmonisa-se mais ou menos, esta passagem de Joseph Soares da Sylva *(Memorias para a Historia de Portugal, que comprehendem o governo Delrey D. João I.):*

«Era D. Ignez de Castro filha de D. Pedro Fernandes de Castro, chamado o da Guerra, assim pela muita inclinação, que elle tinha, como pelo seu grande valor, e esforço, Rico Homem, Senhor de Lemos, e Sarria, Adiantado Mayor da Fronteira, Mordomo mór del Rey D. Alfonso Onzeno, e hum dos grandes Senhores de Castella, e Galliza; e de D. Aldonsa Lourenço de Valladares (que D. Luiz Salazar, e outros fazem sua segunda mulher, ainda que o Conde D. Pedro diga só, que assistia em sua casa) filha de D. Lourenço Soares de Valladares, Senhor de Tangil, (parente do mesmo D. Pedro) Cavalleiro nobilissimo, que tambem era Rico Homem, e Fronteiro môr de Entre Douro e Minho, (filho de D. Soeiro Paes de Valladares, e de D. Estephania Ponce) e de sua segunda mulher D. Sancha Nunes de Chacim, filha de D. Nuno Martins de Chacim, e de D. Theresa Nunes da Silva, huns e outros avós de igual, e conhecida nobreza; da qual D. Aldonça teve tambem D. foy dro a D. Berenguella Lourenço, mulher que Pede D. Affonso Telles de Menezes, que vindo de Castella fugindo del Rey D. Pedro, El Rey D. Affonso IV, o fez seu Mordomo môr; a qual D. Berenguella, Manuel de Faria, e outros Authores equivocão fazendo a mãy, e não irmãa de D. Ignez de Castro.»

Provada fica a illustre prosapia da que foi segunda esposa do oitavo monarcha portuguez.

Foi authenticado e legalisado o matrimonio?

Vamos vêl-o já, em D. Antonio Caetano de Sousa *(Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza):*

— Instrumento, porque El Rey D. Pedro I. recebeo por palavras de presente a D. Ignez de Castro. Esta no Archivo Real da Torre do Tombo, na Casa da Coroa, gaveta 17, maço 6, donde o copiey. —

(Continua) D. FRANCISCO DE NORONHA.

O MEZ METEREOLOGICO

Janeiro 1909

Barometro. — Max. altura 775^{mm},4 em 2.
» Min. » 756^{mm},1 em 21.
Thermometro. — Max. altura 14º,5 em 17.
» Min. » 2º,6 em 29.

A temperatura conservou-se baixa todo o mez, com uma maxima fraca.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 15 dias.
» Nublado 12 dias.
» Encoberto 4 dias.

Chuva. — 38mm,7 em 9 dias, sendo em 15, 15mm,0 e em 20, 10mm,8.

Temperaturas medias extremas 13º,21 em 15 e 6º,58 em 20.

N'este dia a maxima não excedeu 8º,6.

A maxima em 21 foi de 7º,8.

Nevoeiro — Em 3, 12, 14, 16 e 28.

NECROLOGIA

Coquelin Ainé

Foi uma verdadeira surpresa a noticia, transmitida pelo telegrafo, da morte, em Paris, do grande comico Coquelin Ainé, tanto mais quando se sabia, em Lisboa, pelo sr. Visconde de S. Luis de Braga, emprezario do teatro D. Amelia, que recebera uma carta do emprezario do notavel artista, comunicando-lhe, que Coquelin se preparava para ensaiar a *Chantecler*, ultima produção de Rostand.

E' certo que Coquelin estivera gravemente enfermo a ponto dos jornaes de Paris publicarem noticias inquietadoras sobre a sua doença, mas por fim apareceram melhores novas dando o popular artista como restabelecido.

Popular chamamos a Coquelin Ainé e decerto o foi no seu pais, como em todo o muudo civilisado, porque a toda á parte elle chegou e levou seu talento de actor, sua original individualidade, na alta e baixa comedia, em que, por ventura só encontraria paralelo com o nosso glorioso actor Taborda, o actor comico por excelencia, capaz de fazer rir e chorar as pedras, com a mesma naturalidade e singelesa tocante que sensibilisa o coração humano.

Não chamaremos a isto o segredo da arte porque não se aprende nem descobre, mas sim o condão que nasce com o artista e que a arte apenas lapida como o diamante.

Coquelin foi um desses predestinados para o teatro; a vocação que revelou nos seus primeiros estudos o confirma.

Benoit Constant Coquelin, *Coquelin ainé*, era natural de Boulogne-sur-mer, onde viu a luz em 1841. Estudou no Conservatorio de Paris tendo por mestre Regnier, e aos 19 annos de idade alcançava o segundo premio de comedia, estreiando-se na Comedie-Française, em 1864.

Encontrou-se no campo que ambicionava para os combates da vida; ali sabia elle que tinha certa a victoria, e teve-a.

Quer na comedia antiga, quer na moderna triumphou em toda a linha, e infileirou a par dos primeiros actores da França.

Na Comedie Française se conservou até 1886, anno em que pediu a demissão de societario.

De 1887 a 1889 Coquelin faz uma larga excursão artistica pela America e pela Europa, e por toda a parte colhe a admiração e aplausos das plateias.

Volta a Paris em 1890 e continua na Comedie até 1892, em que torna ao estrangeiro a representar o seu repertorio alcançando sempre os maiores triunfos.

Novamente em Paris. Coquelin aceitou um contrato para o teatro Renascença, contrato que lhe valeu um processo celebre promovido pela Comedie, e em que elle foi condemnado a pagar mil francos de multa por cada representação que desse em Paris, fóra da Comedie, ou nas provincias, Coquelin, porém continuou a representar onde quiz.

No teatro de Porte-Saint Martin, fez elle a sua notavel creação *Cyrano de Bergerac*, e Napoleão, no *Plus que reine*, contando já as suas corôas no *Thermidor* e *Mègère apprivoisée*, e as não menos felizes creações, da *Estrangeira*, *Tabarin*, *Rentzau*, *Grigoire*, *Paul Forestier*, *Jean Dacier*, etc.

Algumas destas peças represento-as Coquelin em Lisboa nas epocas de 1903 e 1904, no D. Amelia, onde tambem representou a sua creação prima do *Cyrano de Bergerac*, assim como algumas das comedias do teatro de Moliére.

Nestes mesmos annos esteve tambem no Porto, onde foi acolhido com o mesmo entusiasmo do que em Lisboa, deixando por toda a parte fundas simpatias, que mais fazem sentir agora a morte do grande actor.

Em Paris foi enorme o pesar que produziu a noticia do seu falecimento. Conquelin tivera um ataque de *grippe* e fôra para *Pont-des-Dames*, onde melhorou achando-se já em completa convalescença. Principiou a trabalhar no seu estriptorio, no dia 27 do mes passado ás sete horas e meia da manhan, quando cahiu com uma sincope, falecendo ás oito horas e vinte e cinco minutos.

A sincope parece ter sido resultado de uma embolia cardiaca.

Coquelin faleceu, assim, na *Maison de retraite*, que elle fundara em *Pont-des-Dames* para os artistas dramaticos, e a favor da qual elle todos os annos promovia um espectaculo em que tomavam parte todos os grandes actores da França e até estrangeiros, que se encontrassem em Paris, como, por exemplo a Duse que tambem se associou a esta boa obra do eminente artista.

COQUELIN AINE

Logo que foi conhecida em Paris a triste noticia, o Presidente da Republica enviou um seu representante a dar os pezames á familia de Coquelin.

Coquelin Cadet

Ao mal terminarmos a breve noticia necrologica de *Coquelin Ainé*, eis que nos chega noticia da morte de seu irmão mais novo Coquelin Cadet, que ha tempos se encontrava internado num manicomio.

No espaço de 13 dias, pois Cadet morreu em 8 do corrente. desapparecem dentre os vivos dois irmãos, que por egual mediram seu talento e honraram o teatro francês.

Ernesto Coquelin Cadet era mais novo que seu irmão, sete annos, pois nascera em 1848 e na mesma terra em que elle. Foi tambem discipulo do Conservatorio de Paris, onde alcançou o primeiro premio de comedia, extreiando se no Odeou, em 1867 e deste passou no anno seguinte á Comedie

Esteve nas Varietés de 1875 a 1878 e voltou em 1879 á Comedie como societario.

E' tambem vasto seu repertorio, e como seu irmão, representou nos teatros da America e da Europa, por onde fez varias escursões artisticas, sendo sempre muito aplaudido. Em Lisboa representou no teatro D. Amelia, por 1903, algumas peças escolhidas do seu repertorio, e especialmente monologos, em que era primoroso e de extraordinaria graça.

Coquelin Cadet, era tambem escritor usando o pseudonimo de *Pironette* com que publicou alguns livros, *O monologo moderno*, *Fariboles*, *Arte de monologar*, *Livro dos convalescentes*, etc.

A graça com que devertia o publico, encobria, talvez, funda melancolia de seu coração, e não raro este caso se tem dado e dá em muitos artistas que fazem oficio de rir embora o coração chore. Nestes casos a luta que se estabelece no intimo do individuo deve ser grande, e quantas vezes resulta a morte ou a loucura que a ella conduz.

Ter-se-ha dado este caso com Coquelin Cadet?

General Henrique de Carvalho

Na moderna historia colonial portuguêsa regista-se com vantagem o nome de Henrique de Carvalho, como o de um dos africanistas portuguêses que mais se esforçou por engrandecer os nossos dominios de alem-mar, principiando ainda novo os seus trabalhos no Ultramar e nelles envelhecendo prematuramente, como, em geral, acontece a todos aquelles que ali passam o melhor da vida.

Henrique Augusto Dias de Carvalho, filho de João Augusto Dias de Carvalho e de D. Emilia de Macedo, nasceu em Lisboa a 9 de junho de 1843 e sentou praça de voluntario no exercito a 16 de agosto de 1859.

Depressa fez o seu curso e, em 1867, organisando-se uma expedição militar para Macau, nella seguiu no posto de alferes.

Assim principiou a sua vida no Ultramar com uma estação que durou nove annos. Durante esse tempo desempenhou varias comissões, sendo a primeira a de dirigir duas escolas regimentaes, uma de cabos e soldados e outra de gramatica, geografia e matematica. Depois passou ao serviço das obras publicas, afirmando sempre as suas aptidões, sendo elogiado pelo governo de Macau por diversas vezes; e, em 1869, por serviços prestados no incendio do Hotel Oriental; em 1870 por distinção nos serviços militares; em 1871 pela diligencia e coragem com que capturou vinte e dois desertores e sofucou uma revolta.

Em 1873 passou ao serviço da ilha de S. Thomé como administrador de concelho, sendo pouco depois nomeado comandante da policia, que organisou naquella ilha. No desempenho desta comissão, elaborou varias estatisticas dos serviços e administração publicas, até que em 1876, violentamente atacado pelas febres paludosas, se viu obrigado a retirar á metropole para as curar.

Restabelecido, felizmente, da saude voltou no anno seguinte ao serviço das colonias e, em 13 de junho, partiu para Moçambique, nomeado administrador de concelho. Pouco tempo depois, passa no mesmo cargo para Lourenço Marques, em seguida para o Ibo e por fim para Quelimane.

Da Afrida Oriental passou á Occidental em 1878, entrando para o serviço das obras publicas de Loanda, onde permaneceu até 1882. Durante estes cinco annos dirigio varios trabalhos, como a construção da Escola Profissional, e concluio a edificação do Hospital Maria Pia, etc.

Torna a voltar á metropole e, em 1884, já no posto de major do estado maior de infantaria, é encarregado pelo governo de organisar uma expedição cientifica ás terras de Lunda ou país de Muatianvua, e da qual é nomeado comandante.

Começa acaso a parte mais gloriosa da sua carreira, ainda que essa expedição preparatoria da que se seguio em 1895, e esta não produzissem tanto quanto se esperava, por circunstancias que não vem para o caso referir.

Henrique de Carvalho teve largas vistas nessas expedições, procurando quanto possivel tornal-a de resultados praticos, proveitosos para o comercio reciproco entre a metropole e aquelle país, que por sua extenção e população fazia prever grandes vantagens.

Henrique de Carvalho partiu de Lisboa em 6 de maio daquelle anno e por lá andou quatro annos, percorrendo todo o país de Muatianvua, estudando-o, inquirindo dos seus produtos agricolas, dos seus usos, da indole da raça e estabelecendo relações. Não foi muito o tempo que empregou porque o Muatianvua abrange um territorio superior ao de Portugal e Espanha, cortado por grande numero de rios afluentes do Zaire, confinando a Oeste com a provin-

cia de Angola, ao Sul com o país de Labale, a Éste com os sertões da Garanganja e ao Norte com o Estado Livre do Congo.

O resultado desta sua primeira expedição entusiasmou-o. Aquellas terras eram magnificas, os seus habitantes bons e tudo aconselhava a tornar ali efetivo o dominio português. Sobre esta expedição escreveu elle quatro grossos volumes ilustrados de gravuras que punham ante os olhos dos leitores, as paisagens, os tipos e os usos daquelles povos, fazendo a corografia do país, a forma por que se governava, a lingua, e todas as indicações proveitosas para o comercio.

O dominio das terras de Muatianvua tornou-se uma ideia fixa para Henrique de Carvalho, e não teve descanço emquanto o governo não decretou a criação do destricto da Lunda, em 13 de julho de 1895.

Portugal alargava mais os seus dominios tornando efetiva a sua soberania em tão vasta região, e abria novas expanções ao comercio, dirivando tambem para a provincia de Angola muitos dos generos que o Mutianvua enviava para o chamado Estado Livre do Congo.

Era esta a convicção de Henrique de Carvalho que o enchia de entusiasmo patriotico, quando naquelle anno partiu novamente para Africa a tomar conta do novo districto da Lunda.

Por essa ocasião foi-lhe oferecida pelo Atheneu Comercial uma bandeira portuguêsa bordada em seda por umas senhoras, a qual foi benzida solemnemente na egreja de S. Domingos com a assistencia de muitos oficiaes do exercito de mar e terra e um representante do sr. ministro da marinha.

O Africanista General Henrique de Carvalho

Henrique de Carvalho voltou ao fim de tres annos depauperado, com a saude perdida, tendo de reformar-se no posto de general de brigada.

Deu tudo quanto poude á sua patria: o seu trabalho inteligente, a sua esforçada atividade, num conjunto de serviços arduos com que procurou ser-lhe util.

Foi longa e torturante a doença de que faleceu no dia 5 do corrente, numa modesta casa da rua da Madre de Deus n.º 52.

Alem da obra citada Henrique de Carvalho escreveu e deixou publicado *A provincia de Angola e o Estado Independente do Congo*, *Meteorologia e colonisação das terras de Angola*.

Era comendador das ordens de S. Thiago, de Cristo, da Torre e Espada e de Aviz, cavaleiro da ordem da Conceição. Tinha a medalha de ouro de serviços no Ultramar e a de prata de comportamento exemplar. Comendador da ordem da Estrela Africana do Estado do Congo e da Corôa de Italia.

Deixa viuva e um filho o sr. Filipe Carlos Dias de Carvalho, 1.º tenente da armada.